

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1904

N.º 128

## Exposição de Pintura



(Cliché de A. Novas)

ESTUDO A PASTEL, de S. M. El-Rei

4.ª exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

# Monumento a Pinheiro Chagas

O *Brasil-Portugal* associa-se com entusiasmo á ideia da *Mala da Europa*, que, nas suas columnas, abriu uma subscrição publica, no Brasil e em Portugal, para com o seu producto se erigir um monumento ao illustre escriptor Pinheiro Chagas.

A Empreza d'esta Revista appella para todos os portuguezes no Brasil, e para todos os brasileiros admiradores do glorioso homem de letras, que desejem concorrer para esta justissima consagração.

Quaesquer quantias podem ser entregues aos correspondentes e agentes do *Brasil-Portugal*, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, acompanhadas de uma nota que mencione nomes e residencias para serem publicados opportunamente.

Fica aberta a subscrição.

*Brasil-Portugal*. . . . . 20\$000 réis

(Todas as quantias enviadas pelos nossos correspondentes serão entregues á redacção da «Mala da Europa».)

## CHRONICA

### Assassinos, heroes e politicos

Todos os ruidos, todo o barulho da quinzena finda, da Bartet á Zarnela, dos regeneradores nos franquistas, de Valença do Minho a Villa Real de Santo Antonio, foram absorvidos, abafados, pelo estroendo das duas balas do quartel da Estrella.

Armado de uma simples Kropatchke, o modesto cabo 115 da municipal, correndo vertiginosamente pelas ruas da cidade, depois de arrancar

a vida a dois officiaes, fez, em um minuto, convergir para si as atenções do paiz inteiro.

Mais uma vez se provou que só a façanha de um heroismo ou a selvageria de um crime excitam d'esta forma a sensibilidade publica a ponto de serem todos os acontecimentos, todos os problemas e todos os interesses, dominados pelo interesse capital do caso anomalo e imprevisito, que á roda d'elle torna tudo insignificante e mesquinho. Assassino ou heroe, aquelle que na sociedade occupa um logar mais humilde, torna-se de subito o mais alto na evidencia, o mais visto e apontado pela turba inteira, aclamado ou maldito.

Em um soberbo capitulo do *Homem que ri*, descreve Victor Hugo a allucinação, a embriaguez, a loucura da gloria, que atravessou o cerebro de um condemnado á morte ao dominar do alto do patibulo a multidão inteira, para a qual elle se tornava n'esse momento o unico objectivo, o unico interesse, o alvo unico de todos os olhares, de todas as curiosidades, de todos os espiritos.

Essa allucinação singular não atravessou deserto o cerebro do cabo 115, mas nem por isso elle deixou de ser protagonista n'um drama sanguinario, heroe n'um acontecimento, que a todos os outros sobrelevou. E agora mesmo, sequestrado da sociedade pelas grades do calabouço, a arma vigilante da sentinella que o guarda apontada para todos os seus movimentos, besta-féra encarcerada n'uma jaula, agora mesmo voltam-se para o castello de S. Jorge olhares avidos de curiosidade que espiam todos os gestos, todas as palavras do assassino, a fome a que se condemna, os minutos que não dorme, as lagrimas que lhe rebentam dos olhos.

A tragedia da alma do homicida preoccupa quasi tanto como a tragedia do sangue, que victimou os officiaes. O que se vae ler primeiro nas folhas de maior circulação, não são os telegrammas da guerra do Oriente, nem quaesquer noticias de acontecimentos nacionaes ou estrangeiros que pela sua importancia tenham interesse capital: são os pormenores da vida do soldado na prisão, chegando o publico a considerar-se roubado quando o noticiario lhe não traz mais uma syncope, uma tentativa contra a propria vida, um incidente á altura da tragedia consummada.

Não pensem que n'estas considerações passageiras pômos qualquer tom de censura. Ellas veem apenas á tela para demonstração irrefutavel da asserção acima feita. Que para abalar uma sociedade, para fazer vibrar todos os nervos, e pôr em foco todas as sensações, nada se descobriu ainda como um acto heroico ou um crime monstruoso. Salva a comparação, teem este ponto de contacto Napoleão e Tropmann.

Visto que o crime está exgotado, passemos á politica, que é inexgotavel... sobretudo em peripecias e casos não previstos. Se o crime faz pensar, a politica portugueza faz rir.

Não ha muitos dias ainda que por essas secretarias, por essas ruas, se não ouviam sessão indignações, imprecações contra o governo, anathemas contra o seu chefe, porque sem mais tir-te nem guar-te dissolvera as camaras, o que era a mesma coisa que dar uma bofetada na opposição.

Passam-se dias, os que a constituem mudam de tactica como certas pessoas que nós conhecemos mudam de casaca. Nada de anathemas, nada de imprecações, nada de indignações.

Começaram por entrar no regimen da colligação, mas ao primeiro

## Congresso Internacjonal Maritimo



General Adriano Augusto de Pina Vidal  
Secretario geral da Academia Real das Sciencias



Conselheiro Julio Marques de Vilhena  
Presidente da Liga Naval



Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral  
Presidente da Sociedade de Geographia

No dia 22 de Maio reune em Lisboa o Congresso Internacjonal Maritimo, ao qual são delegados do Governo Portuguez estes tres homens illustres

passo sentiram-se escaldados, e como gato escaldado d'agua fria tem medo, deram ás de Villa Diogo. O governo era um cadaver ambulante, como lhe chamavam, mas apesar de o ser, era preciso ligarem-se todas as forças, conquanto inimigas entre si, para o arrasarem. «Trema Troias», o que era o mesmo que dizer: «Trema o sr. Hintze» foi a divisa que nós todos lemos um momento na bandeira da opposição ameaçadora e terrível.

Ingenhos houve que rchegaram a dar-lhe razão, como se dá a todo aquelle que procura um justo desforço a qualquer agravo recebido.

Mas como esta ferocidade e esta sanha tiveram de vida apenas a duração das rosas, e a bofetada no parlamento se transformou n'um amigavel *shake-hand*, e um novo accordo veio prolongar a inextinguivel serie dos accordos, base de toda a politica portugueza, vem a pello lembrar aquelle caso occorrido com Alexandre Herculano, á porta dos Bertrands.

Conversava o grande historiador com Soromenho, professor erudito, e seu amigo intimo. Passa n'essa occasião um homeminho vermelho, bem vestido e engravatado, que fala a Soromenho por conhecel-o já, faz uma grande mesura deante do historiador, desfecha-lhe um elogio á queima-roupa, chama-lhe o maior homem da península, diz-lhe que é o melhor dia da sua vida aquelle em que teve a honra de o conhecer e acaba por lhe estender a mão.

Com aquella rudeza que lhe era habitual e que nunca se deamentia deante de pessoa que intimamente não conhecesse, Herculano fez um simples gesto de cabeça e não apertou a mão que se lhe estendia.

Fez-se rubro o homem como um pimentão e seguiu o seu caminho.

Soromenho, contrariado por aquella scena, atreveu-se a increpar o historiador n'estas palavras:

— Mestre, sabe quanto eu o venero, e por isso não tome como falta de respeito a observação que vou fazer-lhe.

— Diga, diga o que quizer e chame ás coisas pelo seu nome.

— Este homem foi desfeiteado pelo mestre, que lhe recusou a mão.

— E então, que tem isso?

— Eu, no logar d'elle, jevantava a minha, e por uma forma violenta desforçar-me-in.

— Comprehando, retorquiu Herculano, dava-me uma bofetada, hein?

— O mestre o disse.



Revista á 2.ª brigada de infantaria — Evoluções da companhia de cyclistas

— Pois éço que elle devia ter feito. Não o fez, não tem vergonha. Já vê que eu fiz bem.

Soromenho ficou embatucado.

Ora se a opposição ao governo entendeu que o sr. Hintze lhe déra bofetada dissolvendo o parlamento, e se responde com um novo accordo eleitoral, ella que applique *el cuento*.

## As nossas gravuras

**Estudo a Pastel.** — O quadro de El-Rei que figura na exposição das Bellas Artes inaugurada no dia 10, e cuja gravura abre este numero da nossa Revista, é por todos considerado a obra prima da exposição. Aos outros trabalhos teremos ainda ensejo de fazer referencias.

**Congresso internacional maritimo.** — O governo portuguez nomeou seus delegados n'este congresso que breve reunirá em Lisboa, os Presidentes da Liga Liberal e da Sociedade de Geographia e o secretario geral da Academia Real das Sciencias.

D'esses homens distinctos que tem todos um nome laureado na politica, na marinha e no professorado, damos hoje os retratos

**Revista á segunda brigada de infantaria.** — Dos varios exercicios feitos pela segunda brigada de infantaria no Hyppodromo de Belem ao passar-lhe revista o general de divisão, reproduzimos gravuras de instantaneos muito curiosos tirados pela objectiva dos nossos collabores, srs. Benoliel e A. Novaes.

**O crime do quartel da guarda municipal á Estrella.** — Pelas circumstancias extraordinarias em que elle foi commettido, dedicamos ás duas victimas d'esse

horripilante crime praticado pelo cabo 115 da guarda municipal, duas paginas. Não cabe a uma revista illustrada como o *Brasil-Portugal* narrar minuciosamente o caso. Basta apenas registrar, para o leitor ter d'elle uma ideia, de que um cabo esquecendo o que deve á disciplina do exercito, á banheira que jurou defender, e



Revista á 2.ª brigada de infantaria, no Hyppodromo de Belem, em 5-5-904  
O general de divisão Craveiro Lopes e o seu estado maior

ao respeito aos seus superiores hierarchicos, traiçoeiramente, cobardemente, n'uma furia de verdadeira fera, assassinou o capitão e o alferes da sua companhia. Damos os retratos d'esses dois illustres officiaes, victimas dos instinctos selvagens do seu subordinado. E ao lado, encontrarão os leitores varios *croquis* dos seus funeraes que foram uma manifestação de sentido pesar pelo succedido e de profunda saudade pelas victimas.

**Nova synagoga.** — A colonia israelita vae inaugurar o seu novo templo, na rua Alexandre Herculano. D'elle damos uma gravura assim como outras duas da cerimonia do lançamento da pedra para o edificio, ha dois annos, e da assignatura do auto.

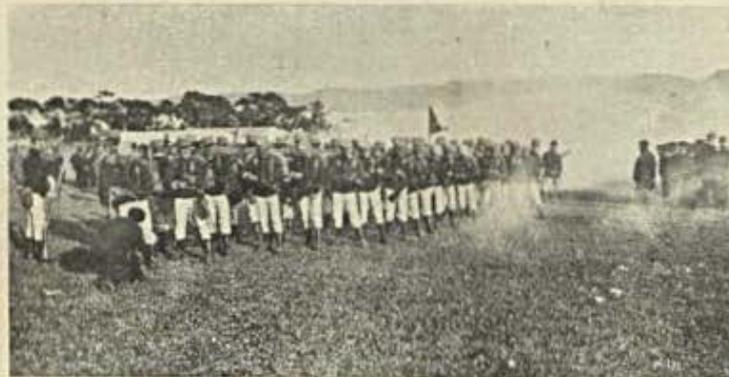
**Fernando d'Oliveira.** — A' ultima hora, já quando o *Brasil-Portugal* estava completo, deu-se uma grande desgraça na praça do Campo Pequeno. O estimado cavalleiro tauromachico que o Brasil conhece, foi victima da sua coragem. Cabendo-lhe na tourada de 12, um touro que saiu bravo e manhoso, este lançou-se sobre elle e sobre o cavallo, derrubando os.

A queda foi tão desastrosa que Fernando perdeu logo os sentidos; fracturado o craneo, meia hora depois estava morto.



## Definições do casamento

- O *medico*: — Febre que principia com calor e acaba com calafrios.  
O *mathematico*: — Uma equação que ás 2 grandezas conhecidas em breve se acrescenta uma terceira.  
O *financeiro*: — Uma especulação que tarde ou cedo se resolve em *track*.  
O *livreiro*: — Um romance que raras vezes tem mais de uma edição.  
O *actor*: — Uma tragi-comedia que o publico applaude ha seculos sem saber porque.  
O *psychologo*: — Um pretexto para o divorcio.



Revista á 2.ª brigada de infantaria — Fogo em quadrado

Clichés Benoliel.

# Celso Herminio

Vi o pela ultima vez n'um domingo, vae em tres mezes. Combinamos na vespera, n'esta mesma salinha onde agora escrevo d'elle, encontrar-nos em sua casa, n'aquella modesta casinha da Travessa do Cardal, a meio da alta colina da Graça, elevando-se n'uma paisagem de bucolica, entre quintalejos floridos e gorgeios de passarada.

Pensava então em fundar o nosso jornal, de sociedade com o commum e querido amigo Alfredo Mesquita. Tinhamos o nosso plano amadurecido, toda uma linha de conducta definida. Iamos fazer alguma coisa nova, de destaque no meio do ramerrão do jornalismo da nossa terra, unidos n'um só pensamento, solidarios em todas as responsabilidades, participantes do interesse ou do revez. Eramos, os tres, muito amigos, como que tres peças componentes de uma só machina. A confiança mutua dava-nos mais alentos para essa temeraria empreza que o proprio programma a seguir, embora inteiramente inedito e porventura destinado á approvação geral.

Em plena mocidade, cheio de vida e de talento, o Celso era, já, indiscutivelmente uma das mais poderosas individualidades do nosso scanhado meio artistico. Ganhando pela sua arte o pão de cada dia — e poucos o terão ganho tão laboriosamente — nem por isso deixou nunca de ter por essa arte um verdadeiro culto. Para se manter e aos seus trabalhou muito, mas trabalhou sempre tem, honestamente. Não foi, nunca, um cabotino. A honradex inquebrantavel do seu caracter era irmã gêmea da honestidade inflexivel dos seus processos artisticos.

Por isso foi, a despeito de uma exagerada modestia, inconfundivel pela maneira de realizar como o era pela forma por que tratava os assumptos que calam sob o dominio do seu lapis de humorista.

Pessoalissimo, por forma a não ser possivel irmanal-o com os seus camaradas portuguezes, destacava pela originalidade do desenho obtido por um singular processo. Mal lhe foi o feito para os effeitos da popularidade facil. Todos nós o sabemos e nenhum



Revista á 2.ª brigada de Infantaria — Fogo em retirada

motivo vejo que me obrigue a occultar a verdade que Deus manda dizer.

O Celso nunca interessou a multidão: era incapaz de transigir com ella para lhe obter o inconsciente applauso. Muito facil lhe teria sido conquistar a consagração incondicional da turba; bas-



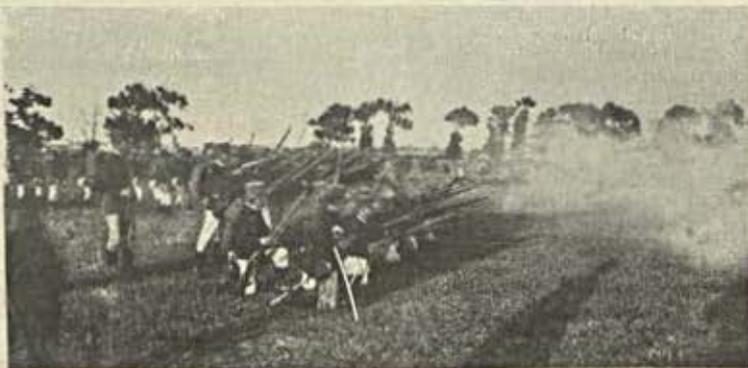
Capitão João José Baptista

Commandante da Companhia da Guarda Municipal, no quartel da Estrella assassinado pelo cabo 115 em 6-5-904

tar-lhe-ia ter sido menos artista e mais homem do seu tempo. Mas nunca pensou em tal pela mais simples das razões que era ao mesmo tempo uma das mais completas afirmações do seu espirito superior; não era vaidoso.

Compulsando as paginas que o lapis de Celso Herminio encheu de humorismo e critica, vem-nos ao pensamento, fatalmente, os nomes de dois grandes mestres da caricatura franceza: Daumier e Cham.

Porque os processos artisticos se approximassem? Evidentemente, não. Simplesmente, as phases da vida artistica de Celso, e duas podemos considerar, lembram a acção e a intenção d'aquelles grandes humoristas.



Revista á 2.ª brigada de Infantaria — Fogo em massa

Muito moço e naturalmente influenciado pela agitação politica da epoca, Celso appareceu-nos, a principio, com a particular feição de um pamphletario. O radicalismo ferozmente intransigente das suas convicções politicas estuava nas linhas audazes das suas caricaturas como um nobre sangue nas veias de um revoltado. Traçando o papel, o seu lapis contundia as carnes da victima alvejada. Não era um lapis: era uma móca. Como succedia a Daumier, as legendas das suas caricaturas passavam despercebidas: toda a intenção, todo o humorismo caustico, toda a critica, estavam no desenho, esse desenho audaz e exotico que tanto provocou sobre-cenhos de desdem e sorrisos de indiferença n'um meio em que as oleographias teem homenagem nas salas de visitas e as cartonagens dos phosphoros de luxo, orladas de nastro encarnado, ornamentam *boudoirs* de damas.

Foi a epoca do *Microbio* e do *Berro*.

Mais que as aceradas pennas dos apaixonados jornalistas radicaes, o seu lapis exerceu, n'esse curto periodo, certa influencia. Demolindo, ou tentando demolir, Celso afirmou n'essa epoca a funcção social que cabe á caricatura, como Raphael Bordallo o affirmára já em certa phase do *Antonio Maria*. Em Portugal, forçoso é confessal-o, os jornaes de combate teem valio mais pelo lapis do que pela penna. Nunca se receia o inimigo que nos fere com a injuria, mas teme-se sempre o que nos arranha com a ironia.

Mudaram os tempos e os acontecimentos succederam-se. Uma epoca de tranquillidade e acalmção dos espiritos se inaugurou após o tempestuoso periodo em que surgiram, com curto intervallo,



Alferes Arthur dos Santos Ribeiro

Da Companhia da Guarda Municipal, no quartel da Estrella, assassinado pelo cabo 115 em 6-5-904

## O crime do dia 6 de maio

o *Microbio* e o *Berro*. Operou-se uma grande transformação nos espiritos dos combatentes da hoste a que Celso pertencia e na propria forma de combate. Uns adormeceram na monotonia do ramerrão da vida nacional sem incidentes provocadores; outros, sentindo amolecer antigas energias e descrendo, talvez, da proficuidade do seu esforço, emudeceram ou transigiram como até então execrado "existente".

Celso não se bandeou para o inimigo nem sentiu arrefecer a sua crença; mas, levado pela corrente geral, desapareceu da primeira linha de combatente. Começou então a segunda fase da sua vida artistica, coincidindo com a segunda "maneira".

Levado para o Brasil pelo dr. Fernando Mendes de Almeida, director do *Jornal do Brasil*, dirigiu ali por algum tempo artisticamente o grande diario *Humense*. A principio ainda cultivou, por um impulso do habito adquirido, a caricatura pessoal e politica. Mas, longe da patria e portanto alheio á vida de terra estranha, saudoso dos seus e d'este pedaço de terra que a sua nobre alma tanto amou, o seu espirito amargurado perdeu a tempera necessaria ao bom exito das pejejas. O pamphletario do lapis desapareceu completamente para ceder logar ao anotador critico dos casos do dia. A sua ironia começou ganhando em subtil delicadeza o que perdera no amargo travo da torva combatividade.

Voltando a Portugal continuou a cultivar a caricatura impessoal com um exito bem assignalado. Como Cham, embrenhou-se no dedalo da vida da sua terra e anotou-a febrilmente no seu caderno de esboços, com graça sem fel, com ironia sem desdem. As suas segundas feiras no *Diario de Noticias* eram geralmente de uma rara felicidade, como foram algumas das paginas da *Carantouha*.

O *portrait charge* foi, certamente, o genero em que Celso manifestou pela forma mais completa as suas brilhantissimas faculdades.



Cliché de A. Norani

O funeral das victimas, saindo do Hospital da Estrella em 7-5-904

## Navegação, Commercio e Colonias

Os phenicios sustentaram uma activa navegação no Mar Arabico, no Persico e no Indico.

Os seus navios trafegaram desde o Malabar até á extremidade septentrional do Elanítico ou Mar Vermelho; e assim alimentaram com os productos orientaes os mercados da Syria, do Egypto e da Grecia.

Ligados aos israelitas, fizeram, nos tempos de Salomão, a viagem ao celebrado Ophir.

"O rei Salomão equipou uma frota em Asiougaber, que é proxima de Eloht, no litoral do mar Vermelho, no paiz da Iduméa; e Hiram enviou com esta frota alguns dos seus marinheiros que conheciam muito bem a navegação, os quaes se juntaram á gente de Salomão. E, tendo ido até ao Ophir, tomaram lá quatrocentos e vinte talentos de ouro que trouxeram ao rei Salomão. (I. Reis, 9, 26 e 27).

"E a frota de Hiram, que trazia o ouro de Ophir, transportou tambem uma quantidade de madeiras muito raras, e pedras preciosas. (Ibid. 10 e 11).

A biblica rainha de Saba, desembarcou em Asiougaber ou Eziongaber, testa da navegação phenicia para o Mar da Africa e das Indias, "com os seus camelos carregados de aromas e d'uma quantidade immensa de ouro e pedras preciosas". (I Reis, 10, 2).

Esta expedição phenicio-judaica para o paiz do ouro,



Cliché Resalzi

No cemiterio dos Prazeres — O primeiro turno

Ninguem, entre nós, o fez como elle. Ninguem, como elle, se apercebia do traço que, exagerado, dá o ridiculo de uma physionomia, o caracter do individuo. N'essa especialidade foi um mestre e deixou verdadeiras obras primas.

Ultimamente combinamos publicar em album os *portraits-charge* das mais gradas individualidades da nossa sociedade. Os de Augusto Rosa e Julio de Vilhena foram os seus ultimos trabalhos.

Encolhido n'uma modestia com que nada ganhou, odiando o reclamo e a facil notoriedade, vivendo isolado n'um extremo d'esta feira de vaidades que é Lisboa, todo entregue ao amor da familia que constituiria e ao culto da sua arte que tão bem serviu, trabalhou sempre e trabalhou bem. Deixou uma obra que honra a sua memoria honrando a sua arte. Ao contrario do que succede com outros, d'elle se pode dizer que no pouco que nos legou ha muito de bom.

De resto, que mais?...

Ergo os olhos do papel um momento, interrogando-me. E parece-me vel-o, ali, n'aquella poltrona onde se sentava quando aqui vinha, fitando em mim os seus grandes e luminosos olhos, murmurando na sua voz serena e pausada:

— Se quizeres, podes tambem dizer que fui um homem de bem...

Domingo, 8 de maio.

CAMARA LIMA.



Cliché Resalzi

O funeral das victimas  
O 2° commandante da Guarda Municipal e os seus ajudantes



O acompanhamento no cemiterio

Ophir, é a mais antiga que se conhece por documento historico, e realçou-se no principio do seculo x (antes J.-C.). Onde era este decantado Ophir?

Livros in-folio, brochuras, artigos de jornaes scientificos, opiniões dos auctores antigos e dos descobridores modernos, dissertações e monographias sobre a situação geographica do Ophir, fornecem, por si só, uma importante collecção ophiriana, e compõem uma volumosa bibliotheca.

Christovão Colombo dizia que Ophir era uma das suas ilhas do golfo das Antilhas, a Hespanhola. Calmet (1) collocava-na na Armenia; Hardt (2), na Phrygia, Arias, Montanu, no Perú; Oldermann (3), na Iberia; Seetzen, Tychoen e Niebuhr, na Arabia Meridional; Huet e d'Anville (4), n'uma região do Indico; e finalmente, Bruce desenvolvendo este ultimo alvitro, assenta Ophir, na nossa Africa Oriental, ficando indeciso sobre a situação exacta, que alguns querem dizer em Sofala.

Se os Setenta da versão grega do Philadelpho Ptolomeu deram impunemente Sophir, Souphir, Sophara e Sophira por Ophir, nós poderemos, apesar de Champollion (5) dizer que Sophir é o nome copta da India, inclinar-nos para a nossa Sofala, como uma corrupção do hebraico Sophara, dando-lhe a successão do celeberrimo Ophir.

Para confirmar a posição africana, opinam alguns que podendo, em hebraico, dizer-se, indifferentemente, Ophir



A' entrada do cemiterio — O feretro do capitão Baptista

O cavalleiro Fernando de Oliveira  
† em 12 de maio de 1904

ou Aphir, a palavra convertendo-se, por metathese, em Aphri seria a propria raiz do nome continental da Africa (6). Parece-nos metathese demasiada, e afigura-se-nos de apoucado criterio esta subtilissima interpretação toponymica (7).

Mas que fosse na India ou na Africa Oriental o certo é que para lá chegarem importava aos phenicios o fazerem e conhecerem a navegação do Mar das Indias.

Teriam ido, mais além de Sofala, os ousados nautas kanaanéos?

Muitos affirmam que os phenicios circumnavegaram a Africa, do oriente para o occidente.

Se tal realisaram, não é para admirar porque a diuturnidade das suas viagens no Indico, e os conhecimentos, que, pouco a pouco, e de seculo para seculo, se accresciam sobre a viagem costeira pelo littoral da Africa Oriental, podiam dar-lhes ousio para emprenderem propositadamente e depois levarem a cabo, voluntaria ou involuntariamente, a demorada expedição em volta do continente africano.

Admittindo tal hypothese, em nada se deslustram, nem se empanam os grandes feitos dos nossos immortaes Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, dobrando o tormentoso promontorio, e patenteando á Europa a estrada maritima das Indias.

Se os phenicios realisaram tal proeza, jámais a repetiram, porque, assombrados das difficuldades, e atemorisa-

dos pelo longo espaço de tempo, que lhes fôra preciso para tal levarem a cabo, não lhes ficou animo para frequentarem o caminho. E nem elles nem a civilisação do seu tempo se utilisaram com a descoberta, ou aproveitaram mais que uma simples affirmação geographica, traduzida, posteriormente, pela penna de Herodoto.

Dos pródomos da nossa epopeia maritima, e dos roteiros das nossas viagens costeiras africanas, provieram, para a civilisação moderna, os resultados praticos da approximação dos continentes longinquos, e a utilisação, para a vida mercantil universal, d'esse grande estuario, que se chama o Atlantico, sem contarmos com a patenteação da mysteriosa e ignorada Africa Austral.

Em logar apropriado, quando, na sequencia dos nossos estudos, chegarmos á chronica das nossas navegações, na parte da Historia de Portugal relativa aos seculos xv e xvi, refutaremos as falsas affirmações de considerados escriptores modernos, que, tendo cabedal de erudição em assumptos da propria casa, mostram absoluta inopia dos factos mais importantes do grande cyclo maritimo, que formou a genese da civilisação em que vivem.

E então produziremos argumentos, que nos parecem desconhecidos, e que pudémos colher, nas nossas peregrinações pelos códices, mappas, cartularios e manuscriptos das preciosas bibliothecas da Europa Central.

Para não faltarmos, porém, á imparcialidade, que se nos impõe, e expostas as considerações relativas ao feito dos nautas phenicios, extractemos aqui a passagem de Herodoto onde se faz allusão á viagem em torno da Africa (8).

“A Africa é manifestamente cercada de agua, á excepção do isthmo que a une á Asia. Néchao, rei do Egypto, foi, segundo os nossos conhecimentos, o primeiro que deu a demonstração d'este facto. Depois de ter desistido do acabamento do canal de comunicação entre o Nilo e o Golfo Arabico, expediu navios, tripulados por Phenicios, sob ordens de voltarem pelo mar, que banha a costa septentrional da Africa, e assim regressarem ao Egypto.

“Partidos do Mar Vermelho, os Phenicios navegaram no Mar Meridional (Oceano Indico).

“Quando a falta de mantimentos se fazia sentir, fosse qual fosse o logar da costa, abordavam, semeavam a terra, e esperavam pela seara. Realizada a colheita do trigo, continuavam a navegação.

“Depois de assim terem viajado durante dez annos, chegaram ao Egypto, n'um terceiro anno.

“Contaram-me um facto que eu não creio, e que poderia ser crível para outro qualquer, e é que os navegadores voitando a Africa tinham o sol á direita.”

Aqui, por agora, só acrescentamos que Strabão, concordando em que a Africa era desligada da Asia (9), na sua parte austral, e afirmando, que se conhecia quasi todo o littoral africano de léste e oeste, faltando, no dizer do geographo grego, uma pequena parte extrema por explorar, não acreditava na circumnavegação dos phenicios e chamava a este periplo “uma fabula grosseira,” (10).

O commercio dos phenicios com os arabes era muito intenso. Segundo o texto biblico, os de Sabá e Regma vinham vender-lhes os perfumes, as pedras preciosas e o ouro (11), que eram mercadorias em transitio, pois que os arabes iam procural-as á India e á Africa Oriental.

A navegação mediterranea que começou apenas de ilha em ilha, e d'estas para o continente proximo, desenvolveu-se com o conhecimento das derrotas marítimas, com a sciencia dos roteiros e dos ventos, com o augmento da tonelagem dos navios e com os aperfeiçoamentos da construção naval.

As jangadas-barcoos haviam succedido os barcos de véla segundo o modelo egypcio, com coberta na pópa; e depois os barcos de fundo chato e d'uma só ordem de remadores foram substituidos pelas galéras de fundo arqueado, com quilha.

Foram assim as ilhas fronteiras, a de Chypre, as do Egeu, Sporades e Cyclades, as primeiras, que fizeram as suas permutas com os kanaanós. D'estas arriscaram-se á Attica e ao Peloponneso, e communicaram, por mar, com os pelasgos-hellenos, que estavam na chrysalida da sua civilização.



SYNAGOGA PORTUGUEZA. — Lançamento da primeira pedra para a nova synagoga na rua de Alexandre Herculano, Lisboa



O «Epal» (Arca de Lei) da Synagoga Portuqueza Israelita «Shaar Tikva» (Portas da Esperança)

(Clichs Benoliet)

Quando a Grecia começou a sua expansão hellénica e iniciou as suas invasões guerreiras, tomando a si a hegemonia do Egeu e do Jonio, conquistando pedaços da Asia Menor, e apoderando-se de Troia, o commercio e a navegação transportadora da Phenicia padeceram uma grande diminuição nos mercados gregos, porque estes tinham aprendido a fornecerem-se directamente na Asia Menor e no Egypto, fazendo até grande concorrência nas cidades levantinas.

Os gregos da era de Homero haviam imitado as galéras sidonias, e arriscavam-se aos mares seguindo na esteira dos phenicios; já não eram sómente os periplos, para o oriente, figurados na expedição pelasgo-hellenica dos mythicos argonautas, pois realisavam-se as viagens marítimas ao Mediterraneo Occidental, que foram immortalizadas pelo grande aedo na sua celebrada Odysséa.

Nos tempos homericos, os phenicios accumulavam, nos portos da Grecia, as funções mercantiles com as virtudes de piratas.

Note-se, que são os gregos que o affirmam, devendo descontar-se muito, á conta da inveja suscitada pela poderosa thalassocracia phenicia.

Herodoto (12) conta, que os phenicios d'essa epoca raptaram, em Argos, muitas formosas donzellas, filhas das mais importantes familias, sendo uma a bella Io, filha do rei Inachus, as quaes foram surprehendidas perfidamente quando examinavam, ás pópas das galéras, os braceletes e tecidos de ornamentação feminina, os bonecos e pequenos idolos, que constituíam os artigos mundanos de Tyro, a rainha das modas coévas.

E que as raptadas foram vendidas nos leilões da escravatura branca, no Egypto.

Parece que a belleza plastica das mulheres da Hellade aguçava o sensualismo turano semita, porque, ou voluntaria ou forçadamente os phenicios importavam grande quantidade de gregas, que na maxima parte eram destinadas aos templos de Astaré e de Adonis, onde se appellidavam, segundo Pindaro diz, no seu *scholion* dirigido a Théoxénos de Corintho, as servas da persuasão.

Apesar de todos estes agravos, e de todas estas emulações marítimas e commerciaes, os phenicios continuaram a fornecer aos gregos as mercadorias

ricas, que estes não podiam obter das suas colonias nascentes, taes como: os perfumes e o incenso da Arabia, objectos indispensaveis para os templos; as purpuras, as estatuetas; as joias trabalhadas; as peças d'ourivesaria; e os vidros communs e artisticos.

E não era só commercio passageiro, á chegada dos navios phenicios aos portos das ilhas, da peninsula e do continente, pois por toda a parte estavam disseminadas as casas commerciaes dos kanaanéos, de Byzancio e Cios até Samos, Mélos, Théra, Délos, e de Rhodos a Corintho, Attica e Thebas (13).

As provas d'esta supremacia marítima e d'esta influencia commercial do turano-semita sobre o pelasgo-helleno, n'aquelles tempos, existem na propria lingua grega, onde os vocabulos dos pesos, medidas, e de muitas mercadorias são de origem phenicia.

Do Jonio passaram ao Thyrreno, tendo feito escala, e fundado feitorias, nas ilhas de Melita e Gaulos, nas costas da Trinacria, de Sardos e Kyrnos (Malta, Gozzo, Sicilia, Sardenha e Corsega).

Entenderam-se com os turanianos etruscos, senhores do mar, ao qual deram o nome, convertido depois em Thyrreno. Travaram com os civilizados habitadores da Etruria relações commerciaes, que pareciam envoltas n'uma alliança offensiva e defensiva, porque os piratas etruscos, que limpavam o mar italico de navios alheios á sua nacionalidade, não perseguiram os phenicios; e estes que apresavam ou mettiam a pique as galéras extranhas poupavam as etruscas. O limitado atavismo ethno-turanico dos kanaanéos concorreria, d'alguma maneira, para esta amizade estreita com os turanos-etruscos?

Nas antigas sepulturas da Etruria encontram-se muitos dos objectos do commercio phenicio, principalmente nos necroterios de Alisium, Zambra, Caérs, Pyrgoi. Vasos de ceramica assyrio-babyionica, com figuras aladas, com gryphos e com luctas leoninas, manifestando o estendal do symbolismo chaldeu.

Estatuetas de Phtha, caixas de alabastro, contendo inscrições hieroglyphicas, vasos esmaltados e ornados com a flôr de lotus, e com escarabéos, attestando a origem egyptica. Ovos de abestruz,

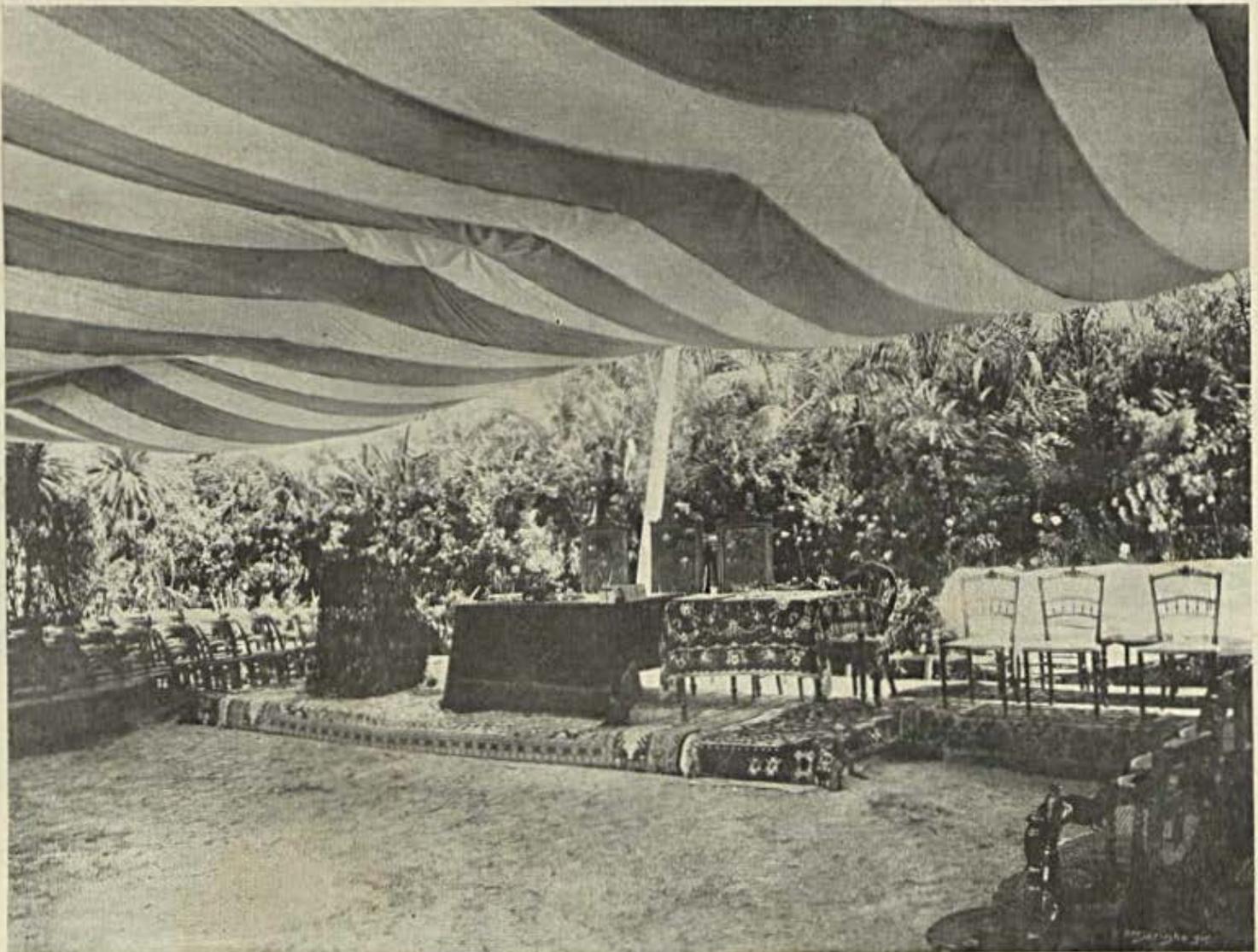
contendo desenhos cabalisticos, flautas de marfim, *tibia Sarrana*, pois n'esse tempo a ultima metropole phenicia ainda era conhecida pelo seu nome de Sôr, Sar ou Sour, e não pelo grecizado vocabulo Tyro, indicando a pura proveniencia phenicia.

J. M. FERREIRA DE LIMA

Do livro recentemente publicado *Os navegadores e conquistadores phenicios e cartaginenses*.

- (1) Dissert. sur le pays d'Ophir, por Calmet, la Haye, 1730.
- (2) Dissert. de regione Ophir, por Harut, Helmstadt, 1746.
- (3) De Regione Ophir, por Oldermann, Helm. 1716.
- (4) Comment. sur les navigations de Salomon, por Huet; Mém. Acad. Inscript. t. XXX, pag. 83, mém. d'Anville.
- (5) Veja-se «L'Égypte sous les Pharaons», t. I, pag. 55, por Champollion.
- (6) «Ophir», por Hoffler, Paris, 1832.
- (7) A Africa foi chamada pelos antigos: Olympia, Oecania, Eskhatia, Koriphe, Hesperia, Ortygia, Ethiopia, Ammonida, Ophiusa, Cyrénes, Kepbenea, Aéria, e Libya. O vocabulo «Africa» é derivado do phenicio, e só se appellidou, por tal nome, o grande continente banhado pelo Mediterraneo, pelo Vermelho, pelo Indico e pelo Atlantico, depois da fundação da colonia tyriana de Carthago, a qual constituiu um estabelecimento ou feitoria separada, i. é., em punico, *Afrika*. Os arabes estenderam genericamente a todo o continente o nome espanhol de feitoria separada, a cartaginense, chamando-lhe *Afriqyah*.
- (8) Veja-se Herod., IV, 42.
- (9) Hipparco e Marinho de Tyro diziam, que a Africa se prendia à parte sud-este da Asia, sendo o Indico um mar mediterraneo.
- (10) Veja-se Strab., lib. II, pag. 98 e 100.
- (11) Herodoto, I, 1.
- (12) Herodoto, I, 1.
- (13) Veja-se Athen., II; Aristoph., «Aves» 505; «Vita Thales, e Vita Zenon», por Diog. Laert.; e Corpus Inscript. Græc., t. II, pag. 213.

## SYNAGOGA PORTUGUEZA (Shaare Tikva)



Local na rua de Alexandre Herculano, onde se fez a cerimonia do lançamento da primeira pedra em 25-4-904

# Politica internacional

Ocupámo-nos na ultima revista de um facto, que vinha pôr em relevo a nova orientação da politica internacional — o accordo anglo-francês — e já hoje nos temos que referir a outro acontecimento, de não menor importancia para a situação geral da Europa — a visita á Italia do presidente da republica franceza.

Sabia-se ou antes previa-se que o acolhimento, que os italianos fariam ao sr. Loubet, havia de ser brilhante. A realidade, porém, excedeu todas as expectativas, mesmo as mais optimistas. Nunca se viu recepção assim, confessam-n'o todos. E sobretudo nunca se viu recepção, em que o povo tomasse tão grande parte, que tanto tivesse o cunho de sincera e cordial espontaneidade. A attitude do rei e a dos seus ministros foi a que devia ser. A attitude da nação é que ultrapassou tudo quanto se poderia ter calculado. Inhabilidades de Napoleão III, intrigas de Crispi e de Bismarck, espalhafatosas manifestações de Guilherme II, tudo isso passou, tudo isso esqueceu, deante da recordação das grandes paginas de historia, que são communs aos dois povos. A lembrança de Magenta e Solferino para a grande massa da nação italiana conseguiu apagar os escrupulos, que muitos suppunham dever reprimir um pouco as expansões franco-italianas, em homenagem á triplice alliança. D'esta vez não houve preceitos de protocolo, se é que n'isso alguém pensou, que podessem conter os corações. Abraçaram-se os que as mesquinhas intrigas de chancellaria por tanto tempo tinham separado. E' esta a bella lição que Roma, Napoles e as outras cidades da peninsula acabam de dar á diplomacia. E' preciso de hoje em deante contar um pouco com o povo, que no fim de contas é quem pronuncia a última palavra na questão das allianças. Podem para o futuro os diplomatas da escola classica gisar quantas combinações machiavelicas quizerem. Se as respectivas nações não as sancionarem com o seu applauso, cairão essas combinações por terra, ou se continuarem a existir *pro forma* na lettra de qualquer tratado, serão lettra morta, sem efficacia e sem prestigio para produzir qualquer resultado. E' precisamente o que está acontecendo



Um hotel em Mizanoshek — Japão

com a triplice-alliança, e que as recentes manifestações franco-italianas acabam de pôr em tão singular relevo. Pela insistencia de Guilherme II consentiram os estadistas italianos — o sr. Prinetti, que era então o ministro dos negocios estrangeiros — em renovar o pacto, que ligava a Italia aos dois imperios da Europa central. As condições externas, porém, em que esta renovação se realisou, eram completamente diferentes das que existiam quando pela primeira vez a alliança foi pactuada entre Crispi e Bismarck. Não quiz attender a esta circumstancia o imperador da Alemanha, teimando, todas as vezes

que o ensejo se lhe proporciona, em proclamar a immutabilidade do contracto, que liga as tres nações. Os factos, contudo, falam mais alto do que todos os protestos e vão-se encarregando de desmentir as imperiaes asserções. Por um lado as relações austro-italianas estão longe de ser satisfactorias tanto sob o ponto de vista politico como commercial, por outro lado a approximação com a França collocou a Italia em condições muito diversas das que na Alemanha se haviam desejado para a sua collaboraço. De facto, e digam o que quizerem os interessados, a triplice-alliança deixou de existir. Continuará, não ha duvida, ainda por algum tempo a subsistir a lettra do convenio, que depois dos ultimos acontecimentos perdeu toda a ra-



S. Petersburgo — O Palacio do Estado Maior — Russia

zão de ser. Mas o espirito que o animava e o pensamento inicial, que lhe deu durante um certo periodo vitalidade, ninguem será mais capaz de resuscital-os. Demais tudo concorre para desfazer a hybrida combinaço da triplice-alliança. Não sómente a condemnaam por inutil os recentes factos da politica internacional, senão que cada vez mais a contrariam as questões economicas, nas quaes se fundam hoje os interesses nacionaes em todos os paizes. A união militar e diplomatica com os dois imperios da Europa central arruinou financeira e economicamente a Italia. Foi preciso voltar ao regimen natural das antigas relações commerciaes com a França, para que a peninsula podesse recuperar o que a guerra de tarifas com a republica visinha lhe tinha feito perder. Apesar das ligações politicas com a Alemanha e com a Austria-Hungria nunca o commercio italiano com qualquer d'estas duas nações chegou a ter valor apreciavel para a economia interna da peninsula. Pelo contrario, é para a França que se voltam todos os que na Italia pensam a serio no melhoramento das condições economicas da nação. Hoje mesmo se está este duplo facto evidenciando nas dificuldades que encontra para a sua conclusão o tratado de commercio austro-italiano e no augmento progressivo das transacções de todo o genero com a França.

Ha ainda uma terceira questão, além da politica e da economica, que no momento actual approxima as duas nações latinas e contribue para afrouxar os laços da triplice alliança — E' a questão religiosa. E sob este ponto de vista acaba a França de prestar á Italia um serviço inapreciavel, que mais do que nenhum outro facto contribuiu para a entusiastica recepção, que em Roma e em Napoles teve o sr. Loubet. E' sabido que até hoje o Vaticano tem interposto o seu veto á visita dos chefes d'estado das nações catholicas ao rei d'Italia em Roma. E' devido a esta prohibição, que o imperador d'Austria ainda não pagou ao seu alliado a visita, que ha tantos annos lhe foi por este feita. Foi ainda por causa d'ella, que o rei de Portugal, apesar de sobrinho de Humberto I, não pôde visital-o na sua capital, resultando d'este facto uma situação anomala entre os dois paizes, que chegou n'um certo momento a agravar-se até o rompimento das relações diplomaticas.

No protesto contra a suppressão do poder temporal, esta prohibição representa a unica arma, que o Vaticano conserva para a lucta

pelo restabelecimento do antigo estado de cousas. Enquanto, com effeito, o Papa tiver a força de impedir que os chefes d'estado catholicos vão a Roma, pôde elle com certa apparencia de razão sustentar que a questão do poder temporal não está liquidada, visto que os representantes das nações filhas da Igreja se absteem de ir á antiga capital dos pontifices sancionar com a sua presença a usurpação feita ao vigario de Christo pela casa de Saboia. Por isso n'este ponto a diplomacia pontificia tem sido até agora intratavel, e diga-seem verdade, com bom exito.

Ora o presidente da republica franceza, o representante da *christianissima* França, — que ainda para o Vaticano continua a ser o apesar dos decretos do sr. Combes — desprezando o *veto* pontificio e rompendo com a tradição respeitada pelos outros chefes d'estado catholicos, vibrou um golpe mortal ás pretensões do Papa e prestou á Italia o grande serviço de acabar com a chamada «questão romana», que passa para os dominios da archeologia politica, desde o momento em que lhe desapparece o seu melhor campeão. A'manhã, como de razão, os outros chefes d'estado catholicos imitarão o exemplo do sr. Loubet, e o *non possumus* do Vaticano não terá mais razão de ser. Além d'isso, o sr. Delcassé ainda por cima tirou uma esplendida desforra da cabala, que no ultimo conclave inutilisou o candidato da França — o cardeal Rampolla, o qual a estas horas se deve estar regosijando com



S. Petersburgo — A cathedral de Kazan — Russia

a esta superioridade que Karopatkin attribue a victoria do inimigo. Finalmente a respeito de estrategia os planos do general Kuroki para a passagem do Yalu e a fórma como esses planos foram executados, mostram bem o que valiam as afirmações dos que sustentavam a inferioridade militar dos japonezes em face dos europeus. O contrario é que se está observando.

De modo que a situação dos russos, que já era delicada depois dos successivos desastres da esquadra de Porto Arthur, mais ainda se aggravou com o resultado do primeiro combate por terra. Além da perda de prestigio, o que para a situação do dominio moscovita no Oriente pôde ser desastroso, as perdas materiaes, sobretudo em posições estrategicas que os russos se viram forçados a abandonar, são importantes e podem mesmo ser decisivas para a continuação da guerra. Assim estão perdidos Antung, Feng-huang-Cheng, Dalny (o antigo Talienwan), Newchang, para não falar em Mukden, a capital da Manchuria, onde provavelmente os russos se não poderão sustentar depois do desastre de Yalu, e Porto Arthur, que do momento em que está cercado por mar e por terra se pôde considerar como abandonado pelos russos. Por muito bem defendida que esta praça se encontre, é evidente que não poderá resistir muito tempo entregue aos seus proprios recursos a um ataque combinado das forças do general Kuroki e dos couraçados do almirante Togo. Pôde ter-se como seguro que o acto a seguir na grande tragedia, que se está desenrolando no extremo Oriente, será a queda da afamada fortaleza.

E depois?

CONSIGLIERI PEDROSO.



Em S. Petersburgo — Suas Magestades dirigindo-se para o Campo de Marte

o chéque soffrido pelo seu feliz rival. O desastre da «questão romana» será um bom castigo para a conjuração, que elevou ao solio Pio X.

• • •

Feriu-se finalmente a primeira grande batalha por terra entre russos e japonezes. Foi no Yalu; e o resultado d'ella diz-nos o telegrapho ter sido um tremendo desastre para as tropas do tzar, não tanto pelo que materialmente perderam, que foi muito (além das posições que defendiam, 28 peças d'artilharia e numerosos prisioneiros), mas pelo profundo golpe que soffreu o prestigio moscovita. Diziam as melhores auctoridades, ou que como tal se reputavam, que a superioridade dos japonezes era apenas maritima, e que tão depressa possessem pé em terra seriam litteralmente esmagados pelos russos, os quaes em numero, em estrategia e em armamento muito se avantajavam aos soldados do Mikado, cujas passadas batalhas terrestres apenas se tinham convertido em victorias, por haverem sido dadas contra os chinezes.

Chega, porém, o momento da demonstração pratica d'estas asserções, e com assombro de quasi todos os criticos militares vê-se que o que se dizia não passava de uma lenda, e que os japonezes estão tão preparados por terra como por mar para a guerra, em que muito reflectidamente se empenharam. A respeito de numero, e não obstante o que as informações officiosas de S. Petersburgo diziam, vê-se que os japonezes são até agora superiores aos russos. E' esta a confissão explicita do general Karopatkin nos telegrammas, em que dá conta do resultado da batalha. A respeito de armamento, ainda pela declaração insuspeita do mesmo general se sabe que a artilharia japoneza mostrou grande superioridade sobre a russa, e que é mesmo

## Adoração

FRAGMENTO

Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão  
Em mim não é amor, filha, é adoração!  
Nem se fala em voz alta á imagem que se adora.  
Quando da minha noite eu te contemplo, aurora,  
E, estrella da manhã, um beijo teu perpassa  
Em meus labios, oh, quando essa infinita graça  
Do teu piedoso olhar me inunda, n'esse instante  
Eu sinto, — virgem loira, ineffavel, radiante,  
Envolta n'um clarão balsanico de luz,  
A minh' alma sjoelhar tremula, aos pés da tua!  
Adoro-te!... Não és só graciosa, és bondosa:  
Além de bella és santa; além de estrella és rosa.  
Berndicto seja o Deus, bendicta a Providencia,  
Que deu o lirio ao monte e á tua alma a innocencia,  
O Deus que te erigiu, anjo, para eu te amar,  
E fez do mesmo azul o céu e o teu olhar!...

Guerra Junqueira.

# Pinheiro Chagas na imprensa periodica e no theatro

(Excerpto do seu Elogio Historico)



Fôra apanhado pela roda gigantesca do jornalismo. Haviam-se realisado os receios agoirentos de Castilho. «O Minotauro insaciavel», como elle dizia, abria as fauces para tragar este ainda, d'entre os mais illustres athenienses». Para esse cadinho formidavel, do qual não surdem senão productos volateis e ephemericos, arremessava Pinheiro Chagas, a oito, todas as riquezas que lhe promanavam do cerebro. E enveredava por essa aspera senda, que só no tumulto devia deparar-lhe a primeira estação de repouso.

Começara pelo folhetim. E aqui, permittam-me que detenha um instante o olhar, n'um enlevo que é tanto do meu espirito como do meu coração.

O folhetim portuguez estava de lucto. Dentro de um corpo com vida, apagara-se a luz que o tinha creado. As columnas da *Revolução de Setembro* já não infloravam os plinths com aquella prosa malleavel e fluente, que se burilava nos mais caprichosos desenhos e se coloria dos mais ardentes e variados matizes. O meio litterario carpia orphão d'aquella phantasia exuberante, d'aquella segurissima visão critica, d'aquelle ponderado raciocinio que não tolhia os raptos alados da imaginação.

A pena caída da mão febricitante de Lopes de Mendonça, foi Pinheiro Chagas quem se abalançou a erguel-a. Igualava o predecessor em brilhantismo de forma, se não podia superal-o em profundidade de pensamento. A elle se avantajava porventura na variedade pittoresca dos tons, tanto quanto lhe minguaava, para o confronto, em delicadeza de sentimento esthetico. Ambos possuíam essa melindrosa vibratidade cerebral, que se manifesta em ondas impetuosas de harpejos no embate da mais singella idéa, ao reflexo do mais insignificante successo. Irmã-nava-os a sinceridade do enthusiasmo por ideas identicas: a patria, a liberdade, a arte. Aquecia-lhes a prosa o mesmo calor communicativo e irradiante. Esta afinidade litteraria fez de Pinheiro Chagas o verdadeiro e legitimo continuador de Lopes de Mendonça no folhetim portuguez. Julio Cesar Machado, a quem geralmente attribuem este posto de honra, occupa, pelas characteristics originalissimas do seu talento, um logar aparte, não menos honoroso decerto, pois que dentro da sua esphera de acção, ainda Portugal não lhe gerou competidores.

Pelo folhetim enocetára Chagas a carreira jornalística. Mas não tardou que a força torrencial do seu engenho despedaçasse as represas, que o prendiam n'esse alveo orlado de flores. A breve trecho alagou tudo: a chronica, o juizo critico, a polemica, a local de sensação, a revista estrangeira, até galgar, espumejante e impetuosa, iriada e fervente, ás cumeadas sollemnes do artigo de fundo.

A engrenagem colheira-o despediosamente. E, como dizia Castilho, «estillando a divina essencia da alma erida a mais altos destinos; de-fazendo-a em perolas scintillantes, mas para dentro de um sorvedoiro de limbo!»

Sorvedoiro tremendo! Voragem, onde se afogam intelligencias, energias, vontades, e não raro caracteres! Retorta immensa, onde se distillam os acontecimentos e as personalidades, as dores e os jubilos, a guerra e a paz, o bem e o mal, para alimento de uma curiosidade nunca satisfeita! Caldeira gigantesca, de cujas entranhas se evola quanto ha de mephitico! Nuvem, de cujos flancos jorra o chuveiro incessante que fecunda a messe e engrossa o tremedal!

Talento e caracter precisam ser de fina ténpera, para que se não desgastem no roçar de tantas imbecilidades e tantas miserias, como as que pullam e fervilham n'essas officinas tenebrosas onde se cozinha a fama, onde se prepara a riqueza, onde se aduba o poder. Trinta annos percorreu Pinheiro Chagas esse circulo infernal, sem que o seu talento se abatesse e o seu caracter se deprimisse. Seria esse o seu elogio maximo, se a outra prova não tivessem resistido ambos: a sua passagem pela politica. N'esse zodiaco em que atravessou a existencia, alma e espirito saíram illesos da voracidade do caranguejo e da peçonha do escorpão. Raro e edificante exemplo de integridade!

Toda a seiva portentosa d'aquelle espirito foi circuleando por columnas compactas de periodico. Tudo exigia d'elle o monstro, porque para tudo o via adequado. De uma vez, tendo elaborado um jornal inteiro, a começar no artigo politico e a terminar na revista de modas, pousou por fim a pena para perguntar ao director, com aquelle seu riso de bonhomia tão attraente e sincero:

— E agora, queres tambem um artigo de cozinha?

Era muito capaz de o fazer. Tambem o seu emulo gigantesco de França, o portentoso Dumas, não se dedignara de applicar ao assumpto umas parcelas de genio risonho.

Se não haviam de aproveitar-lhe as aptidões multiplices! Se não haviam de explorar ás cegas aquella mina de sciencia e de phantasia, cujos filões inexauriveis a memoria não consentia um momento cerrados!

A memoria era com effeito a faculdade incomparavel de Pinheiro Chagas. Não se dá muito embora a esta faculdade uma jerarchia proeminente. Mas cumpre não a relegar para um posto infimo, como fazem desdenhosamente os vangloriosos da razão. Só por si, desajudada de criterio, de senso esthetico ou de facultades de raciocinio, a receptividade intellectual é de mediocre valor para o individuo. Que o cerebro seja uma chapa admiravelmente sensibilizada, pouco importa isso, se os objectos se reproduzem apenas ao sabor do acaso, sem que um claro analytico estabeleça a gradação logica dos seus valores, sem que o poder

da synthese os coordene em grupos significativos dentro da arte ou da philosophia.

Para Chagas, que tinha no intimo essas forças dirigentes, era a memoria um copioso arsenal, onde se lhe deparavam no momento opportuno as armas de combate. Não que as aproveitasse sem as sujeitar a uma transformação prévia. Passava-lhes o fio no rebolo da sua clara razão, brunia-as com a poeira impalpavel da phantasia, alindava-as com as pompas da eloquencia. E quando o valente campeão as brandia, ninguém reconhecera as embotadas laminas que tinham lampejado na dextra de antigos paladinos.

Mas a cada passo elle dava provas de quanto lhe era facil forjal-as, incutir-lhes a boa ténpera, dar-lhes a derradeira demão no fabrico. Todos os dias, pode dizer-se, se revelava no correntio da prosa plastica, em relampagos geniaes, o dote supremo de integra criação artistica, esse innato e incontestavel privilegio da originalidade, no encaicho do qual tantos e tão vigorosos talentos se tem desgarrado lamentavelmente. Era a vertiginosa precipitação do trabalho, a forçada ancia de cunhar moeda com o oiro purissimo do seu engenho, que obrigavam Pinheiro Chagas a valer-se excessivamente da memoria, que não lhe davam á razão serena tempo de limar e aperfeiçoar os productos, ás vezes pouco mais que esboçados, da fervida phantasia.

São cansados todos os epithetos para celebrar essa memoria que meio seculo de afanosa lida não cansou. Fastejam pela lenda as suas manifestações surprehendedentes. Ainda no começo da guerra militar, fizeram suas primicias o enlevo e o espante dos camaradas de terra e mar, no vapor de guerra que o transportava ao Porto Tormentosa odyssea de quatro dias—velas a frente, manes de Fulton!—durante os quaes algum malfazejo Titan reiterou contra os descendentes de Bartholomeu Dias a desforra de seu irmão Adamastor! Nas treguas que lhe concedia o enjão, Pinheiro Chagas dava em repasto nos echos do Oceano as estrophes de classicos e românticos, e o fluxo poetico apenas se interrompia ao regresso do prosaico achaque.

Uma vez, em casa de Castilho, mallograr-se-hia porventura um improvisado serão litterario, se Chagas não acudisse como ponto a toda uma pleiade de poetas, sempre que a memoria os trahia na recitação das suas proprias composições.

Mas a mais caracteristica manifestação d'essa colossal retentiva deu-se por motivo da sua *Morgadinha*. Lera elle no theatro, a Francisco Palha e a um grupo de amigos, os quatro primeiros actos do drama. Aeolhida a leitura com enthusiasmo, pediram-lhe o ultimo acto.

— Não o fiz ainda, respondeu Chagas. Na noite immediata, apenas elle appareceu no theatro, renovaram-lhe com instancia o pedido. Já tinha com effeito composto o acto; mas ou por esquecimento, ou porque não esperasse encontrar de novo os amigos, deixara-o ficar em casa.

— Não quer dizer nada, accrescentou elle. Eu lh'o repito. E de feito, declamou de fio a pavio o acto inteiro, sem lhe escapar uma phrase, sem omitir sequer uma rubrica.

Mal previa elle que n'essa façanha mnemonica abria o exemplo a milhares de lusitanizantes d'aquem e d'além mar. Dentro em pouco, quantos entusiastas decorariam as falas do seu bello drama, sonoras como um clangor de anafis de oiro, abrasadas como refregas do simoun!

Foi o seu primeiro grande triumpho, essa famosa *Morgadinha de Valfior*, que ha trinta e cinco annos deixa por palcos de Portugal e Brasil a galante pégada das suas botas de cavalleiro. Nos intervallos do fadigoso mourejar, eil-o que conseguia revelar-se auctor dramático, como já se revelara poeta. Atirava a um povo meridional a peça que, n'uma epocha de romantismo, mais se quadra ás suas aspirações e ás suas tendencias. Tanta paixão no sentimento como na idéa, paixão expressa n'essa eloquente e imaginosa linguagem que deslumbra como um meteoro, que arrebatava como a musica effervescente do Verdi primitivo. Assumpto, sobretudo, que os numerosos precedentes românticos não haviam conseguido apagar da tela da actualidade.

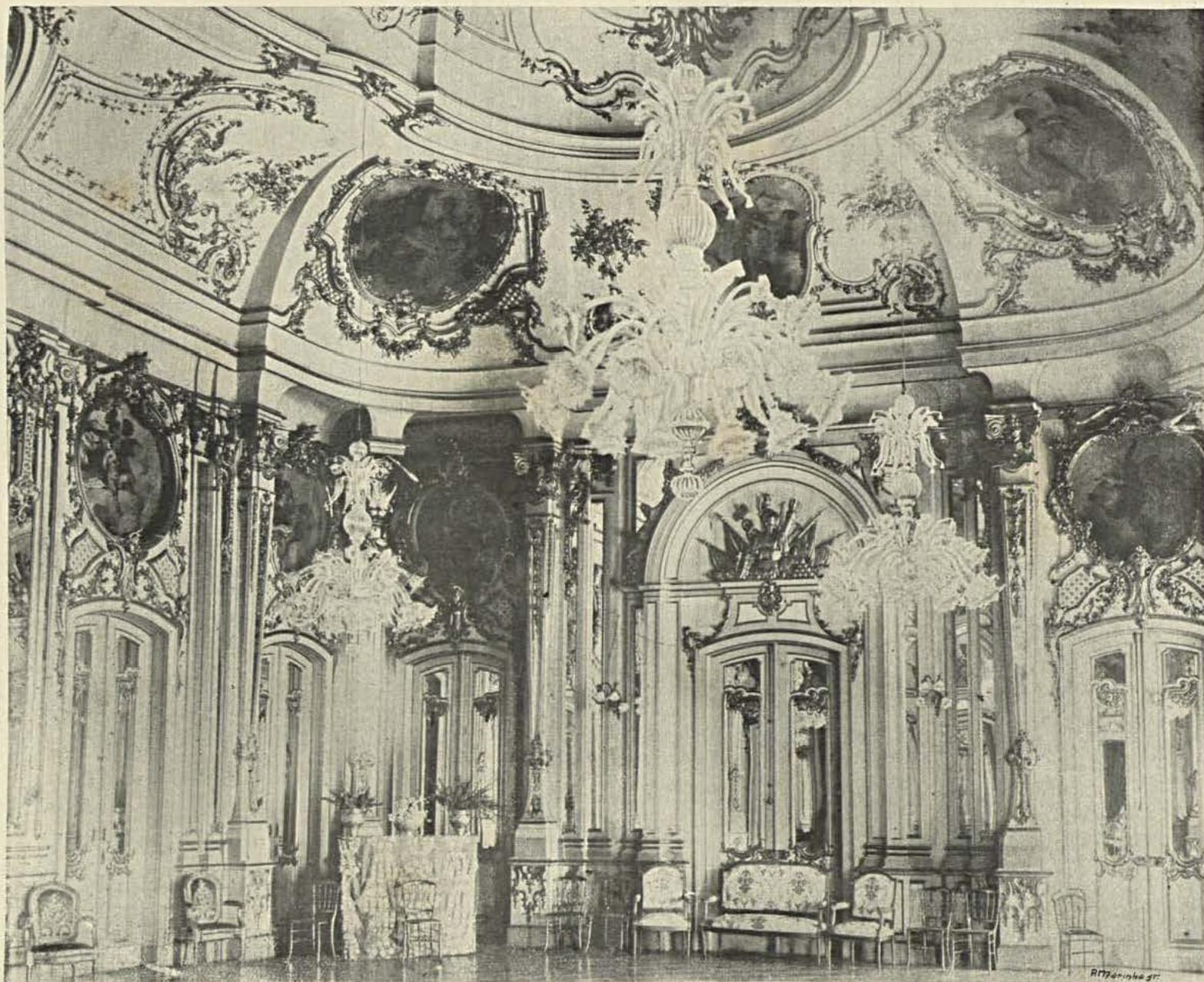
Porque, na verdade, erro é attribuir-se ao velho conflicto de classes, que conflagrou nos fins do seculo XVIII para levantar a burguezia sobre os destroços da nobreza, a pecha de anachronico, na epocha em que surgiu a *Morgadinha*. Nem então o era, nem hoje o é ainda. A penetração



Henrique Lopes de Mendonça  
Socio effectivo da Academia Real das Sciencias



Entrada do Palácio Foz, onde está installada a Legação dos Estados Unidos da America do Norte, em Lisboa



A sala de baile do Palacio da Legação dos Estados Unidos da America do Norte, gentilmente cedida pelo ministro, sr. Charles Page Bryan, para um baile de subscrição

reciproca tem-se operado pela protuberancia dos vicios de uma e de outra classe. E' essa uma fatidica lei moral; os vicios são salientes como arestas, ao passo que as virtudes são curvas harmoniosas e doces que não ressaltam. E' de um lado a vaidade, de outro lado a ambição, que principalmente rasgam os flancos da classe antagonica, para que a in-

deitar a dormir? para se erguer? Isso, digam-no os pensadores e os philosophos. O que é certo é que essa geração nunca se livrou do mal estar, inherente á mudança que se operava na vida politica e intellectual da nossa patria. E a amargura d'esse momento historico, apesar do recuo chronologico da acção, transparece nitidamente em todas as falas de Luiz Fernandes.

Doas figuras encantadoras personificam os polos, entre os quaes se debate essa alma anciosa. A tradição cavalheiresca e aristocratica revive n'essa altiva e romanesca Morgadinha, que doma corceis fogosos, excita o espirito entorpecido da fidalguia fradesca, entretece a elegia na epopéa para celebrar o neto de S. Luiz e a filha dos Cesares, decapitados pela impiedade. A simplicidade idyllica da alma popular, como a sentiram George Sand e Julio Diniz, antes que o sentimento bucolico fosse amaranhado pelas mãos brutaeas de Zola e Maupassant, assoma n'essa vaporosa personagem da Mariquinhas, creatura de sonho e sacrificio, formada da mesma substancia impalpavel em que Shakespeare modelou os vagos contornos de Cordelia e de Imogen, espiritualizada pelo mesmo sopro carinhoso que fez surgir no meio do drama mais colossal dos tempos modernos a figura ingenua e dolorosa da Gretchen.

Em volta do conflicto dramatico, travado entre estas personagens cuja fronte roça pelas nuvens da abstracção, cujos pés só em raros momentos tocam a terra, cuja concepção mais se valeu da synthese poetica do que da analyse psychologica, agitam-se em plano secundario as figuras de forte relevo realista, arrancadas ao meio provinciano dos fins do seculo XVIII. Essas, vivendo uma vida contingente e concreta, ligam solidamente ao

mundo terreno as outras que ameaçam ás vezes diluir-se no ether.

Se algo me dilatei no exame d'esta primeira e mais notavel obra de Pinheiro Chagas é porque n'ella se revelam os processos peculiares do escriptor, processos que elle seguiu fielmente durante a sua laboriosa e fertil carreira em quasi todas as obras de imaginação. Amoroso da verdade, a sua alma de contemplativo era como o casulo mysterioso onde a abrigava, para de larva rastejante a transformar em borboleta alada. Instinctivamente, com as vivas e intensas imagens que a realidade offerecia á sua reflexão, Chagas misturava as sombras a que a sua phantasia prestava forma e colorido. E tudo isto fazia com a mais absoluta sinceridade, por esse exagero de interferencia subjectiva, que é aliás caracteristico da obra romantica.

«Os classicos», diz elle proprio n'um artigo de critica, «falsificavam



O Palácio Foz, na Avenida da Liberdade, onde está installada a Legação da America, e a residencia do ministro, sr. Charles Page Bryan

tronição se realize. E' pelo que tem de infimo que as duas classes se confundem; o que em cada uma d'ellas ha de eminente, autonomiza-se pelo orgulho. A sociedade conserva-se bicephala, como a aguia imperial. Não ha mistura intima e profunda, não ha fusão. Basta um pequeno abalo para que se revele a instabilidade do equilibrio. Porque os conflictos não alcancem notoriedade, não se segue d'ahi que sejam raros. Um seculo de democracia não desarraigou dos espiritos fidalgos o desdem pelo burguez, nem a consciencia da propria victoria arrancou do coração d'este ultimo uns resquícios de rancoroso ciúme.

A these escolhida por Chagas... E digo these por transigencia com as formulas da critica hodierna. Para mim, as peças de these restringem-se quasi sempre a peças de hypothese. Adopto plenamente o parecer expresso, ha coisa de meio seculo, por Antonio Pedro Lopes de Mendonça, cujas palavras não correm o risco de desdoiro para esta casa: «Um drama não é, não pode ser, um tratado de philosophia, nem uma longa e pretenciosa allegoria de metaphysica sentimental.» Por mim, sei de sobra que esta opinião tem coima de atrasada, mas não estou para adeantar a dedo os ponteiros do meu relógio. Recoei escangalhal-o, com o que não se perderá muito, reconheço, mas tambem nada se ganhará, creio.

A these pois — se these lhe querem chamar — desenvolvida na *Morgadinha de Vallor*, se não era nova, nunca deixou no entanto de ser oportuna. O protagonista do drama interessava a sociedade pelos pontos de contacto que com ella tinha. Mas ainda se impõe á analyse critica pelo caracter synthetico, para não dizer symbolico, da sua individualidade.

Luiz Fernandes é verdadeiramente *un enfant du siècle*. Pinheiro Chagas forjou essa alma com as aspirações indecisas e contradictorias, o lyrismo transbordante e vago, a inspiração apaixonada, o idealismo sentimental, que eram as caracteristicas da sua propria alma, da alma de uma geração inteira de romanticos. Esse galan plebeu sente a fascinação irresistivel da aristocracia. Esse espartano estaca deslumbrado perante a suprema graça de Athenas. Esse bravo racionalista, imbuído de aforismos voltairianos, basta um leve tropeçar nos desenganos do mundo para que os braços lhe busquem arrimo na cruz de Christo. E' uma bussola doída, uma balança em cujos dois pratos o cerebro e o coração alternadamente preponderam, a summula do espirito inquieto e volúvel, enfim, que agita um seculo de transição e de duvida.

Oh! E' triste deveras atravessar a vida n'uma época de transição! As transições são sempre desagradaveis. Formosissimo se antolharia aos homens o proprio archanjo da Morte, se não lhe defendessem as avenidas, se não lhe mascarassem o aspecto, dois phantasmas horrendos, a livida Molestia, a gelida Velhice. Tambem o sonho é um voluptuoso parenthesis na existencia, mas, quando faz frio, muito custa a deitar! Readquire-se com prazer, pelo movimento, a consciencia da vida, mas como repugna saltar da cama quando a columna termometrica não transcende os digitos! A geração, a que pertenceu Chagas, passou pelo mundo no momento terrivel em que o paiz mudava de posição: para se



Henrique Vieira de Castro

Intelligente director do Banco de Portugal no Funchal (Madeira)

tudo de proposito para metterem a antiguidade dentro dos estreitos moldes da sua litteratura de corte, e os romanticos falsificavam de boa fé, com o desejo vivissimo de encontrarem a nota verdadeira e sincera.»

Rigorosamente, não é justo ferretéal-os com o estigma de falsificadores. Subtilizavam ou amplificavam a verdade, quando a viam affeiçoada ás suas tendencias estheticas; cerravam para ella os olhos, quando

feria a delicadeza do sentimento ambiente. E' pouco mais ou menos o inverso do que fizeram mais tarde os realistas; porque, como atiladamente observou um philosopho francez, «o realismo é o idealismo ás avessas.»

Assim, o espirito de Chagas revoltava-se perante os aspectos repugnantes e crueis da verdade. O crime, a depravação, a infamia, custava á sua alma nobre e levantada admittil-os como elementos essenciaes e permanentes do viver social. Lembro-me de que uma vez, discreteando ácerca dos *Doze Cesares*, de Suetonio, elle me dizia a sorrir:

— Pareço-me a historia escripta por um jornalista da opposição.

O optimismo e o idealismo derivavam pois mais da sua bondade ingenita do que de uma estrieta disciplina escolastica. Quer-me parecer que o contrario succede ao pessimismo artificial e emphatico de que se orgulham tantos juvenis arremedados contemporaneos de Shopenhauer, cujas almas não puderam cabir das nuvens, pelas simples razão de que nunca lá subiram.

Poderão objectar-me que os romanticos, como Chagas, se compraziam demasiado pelos páramos ethereos. Talvez! Mas em compensação, que banhos de sol vivificante e radioso, quando a garra d'essas aguias altaneiras esfarrapava de improviso as nuvens!

HENRIQUE LOPES DE MEXDONÇA.

O que nós sabemos é acanhado; o que nós presentimos é immenso; é por isso que o poeta ultrapassa o erudito.

PADRE JOSEPH ROUX.



O jury da «Poule d'Épée»

Presidida por S. M. El-Rei e constituída pelos srs. coronel Duval Telles, D. Fernando de Serpa Pimentel e Marquez de Lieria

Clichés Bonoliet



Durante a «Poule d'Épée», na Tapada da Ajuda

(Em 5 & 904)

Barão de Lago, Furtado Coelho, E. Romero e Alfredo O'Neill



«Poule d'Épée»

Mario Duarte, 3.º premio — D. Sebastião Heredia (Ribeira Brava), 1.º premio  
Candido Fernandes, 2.º premio — Eduardo Romero, 4.º premio

## As formigas

Cautelosas e prudentes  
O caminho atravessando,  
As formigas diligentes  
Vão andando, vão andando...

Marcham em filas cerradas;  
Não se separam; espiam  
De um lado e de outro, assustadas,  
E das pedras se desviam.

Entre os calhaus vão abrindo  
Caminho estreito e seguro,  
Aqui, ladeiras subindo,  
Acolá, galgando um muro.

Esta carrega a migalha;  
Outra, com passo discreto,  
Leva um pedaço de palha;  
Outra, uma pata de insecto.

Carrega cada formiga  
Aquillo que achou na estrada;  
E nenhuma se fatiga,  
Nenhuma pára cansada.

Vêde! enquanto negligentes  
Stão as cigarras cantando,  
Vão as formigas prudentes  
Trabalhando e armazenando.

Tambem quando chega o frio  
E todo o fructo consome,  
A formiga, que no estio  
Trabalha, não soffre fome...

Recordae-vos todo o dia  
Das lições da Natureza:  
O trabalho e a economia  
São as bases da riqueza.

Olavo Bilac.



**D. Amélia** — Bartet e Duflos — A companhia de zarzuela e a bailarina Pepita Sevilla  
**D. Maria** — D. Pedro Curuzo — *Casamento e mortalha* — *O desquite* — *Uma visita* — *Fogo no convento*. **Gymnasio** — *O ninho de Cupido*.  
**Príncipe Real** — Companhia de opereta de José Ricardo. **Coliseu** — A companhia italiana



Dena febre theatral. Além de S. Carlos, que repouza, nenhum theatre de Lisboa deixa de abrir todas as noites as suas portas ao publico. Companhias novas como a de José Ricardo no Príncipe Real, companhias estrangeiras, como as do D. Amélia e do Coliseu, companhias velhas como as de todos os outros theatros, dir-se-ia que a população de Lisboa, sempre exigente, nunca saciada, dá aos theatros todo o seu pensamento, todo o seu coração, e só os empresarios poderão

dizer se toda a sua bolsa.

Se não vejamos, a começar pelo D. Amélia. Ainda não tinham expirado os ecos d'essa voz divina da Bartet, e já o garganteado hespanhol, as musicas alegres e os ditos picarescos da zarzuela davam aos olhos e aos ouvidos sensações novas. E' que o excepcional empresario d'essa casa de espectaculos descobriu o motu-continuo nas faculdades que elle tem como nenhum outro de dar dia a dia uma vibração nova á sensibilidade publica. Maeterlinck com o seu theatre, os dois afamados virtuosi do violino e do piano com toda a sua celebridade, depois a Bartet e Duflos, e logo a seguir, sem um dia de intervallo, essa esplendida zarzuela que está fazendo as delicias de nós todos, é inexgotavel, é deveras prodigioso e fecundo, esse empresario do **D. Amélia**, esse Brillat Savarin da culinaria theatral que não ha acepipes que não descubra, inventivas que não ponha em acção, utopias e aspirações de muitos que não converta em realidades.

N'esses poucos dias que demorou em Lisboa, a Bartet, a sempre divina Bartet, fez o encanto de todos os espiritos, fez brotar de todos os nervos a flor da sensibilidade artistica. Pela simplicidade essa actriz excepcional attingiu a perfeição, e a sua voz, e a sua estatura, e o brilho dos seus olhos, e toda a doçura feminina e toda a expressão intelligente e todo o gesto intencional, a verdade na lagrima como no sorriso, eis os elementos de que ella dispõe á maravilha para tornar inconfundivel a sua personalidade e vivida a sua arte.

Um artista de grandes recursos, dispondo largamente de toda a sciencia de representar, Duflos, aviva a nossa emoção e completa o nosso enthusiasmo quando ao lado da Bartet encarna as figuras creadas por Hervieu, por Dumas filho, por Maurice Donnay, por todos esses prodigos de espirito, que sem estes interpretes supremos, não teriam tão intensificada a sua obra, nem tão nitida a expressão da sua idéa, nem tão cheia de suggestão e de relevo a sua arte.

Teve mais uma vez em summa a sua consagração o espirito, a graça gauleza, n'estes dois propagandistas, cuja benemerencia a Republica devia galardoadar com premios excepcionaes.

Não pode dizer-se *le roi est mort!* porque, felizmente, elle não morreu, afastou-se apenas; mas pode gritar-se: *Vive le roi!* Viva o salero! vivam os boleros e vivam as malagueñas! viva toda a graça, toda a vida ruidosa da Hespanha representada n'essas zarzuelas que tornam adoraveis as noites de Lisboa. Lá os temos, no palco d'esse mesmo theatre, os artistas, que por tanto lhes quereamos e os applaudirmos, nos pareceriam já da nossa terra, se por cá houvesse aquella vivacidade que se não exgota, aquella alegria que vibra e provoca outras.

Lá temos as mais inspiradas composições como a *Revoltoza*, de Chapi, e as nossas conhecidas *Alegria de la huerta*, *Agua*, *azucarillos* y *aguardiente* e a *Camaronera*, todas essas zarzuelas, que nos não cansamos de ouvir, porque nos desopilam o espirito, e pelo menos para nos rirmos e as palmearmos, nos emprestam grande parte da sua vivacidade hespanhola.

Muitos d'esses artistas tambem já não são novos para nós: A Taberner, o Nadal, Maria Pepa e Lopes Martinez, e Guilot, Figuerolas e Palacios e outros ainda, tornaram-se queridos do publico, que já não comprehende sem elles a existencia da zarzuela. Mas como se todos elles não bastassem para o *ensemble*, e uma nota faltasse ainda, lá temos tambem essa Pepita Sevilla, essa bailarina principio de seculo, que traz nos olhos todo o sol de Sevilla, que tem requiebro de en-

tontecer os mais ajuizados e que tem o genio da sua arte, pela belleza, pela fascinação, pela graça dos movimentos, por esse conjunto de faculdades que trazem meia Lisboa com a cabeça á roda, e que provam que nos pés de uma portentosa bailarina pode haver mais... talento que n'um cerebro fortemente organizado.

Palmyra Bastos foi a estrella de **D. Maria** na quinzena decorrida. A sua festa, mais ainda que uma festa, foi uma prova real. Foi a demonstração incontestada de um talento de actriz dramatica, que de ha muito andava alheada da sua verdadeira aptidão.

*O desquite*, *Uma visita* e o *Fogo no convento* sãs peças de molde a pôr em relevo todas as faculdades da artista, que da prova se sahíu á maravilha.

Tres papeis distinctos, dissimilhantes, sem se tocarem pelo menor ponto de contacto, e em todos tres a actriz, pela intuição, pela intelligencia e pela execução, se mostrou á altura das responsabilidades que o desempenho d'elles lhe impunha. Ferreira da Silva, Joaquim Costa e Fernando Maia tiveram na *première* d'essas representações boa e luzida parte no desempenho, e muitos dos applausos que estrugiram na sala foram com justiça para elles.

O *Ninho de Cupido* — que pelo titulo não perca — pelo picaresco das situações e pelo comico das personagens, está sendo o prato de resistencia do velho **Gymnasio**, sabiamente preparado pelo sr. Freitas Branco, que, por direito de conquista, é já agora o traductor official d'essa casa de espectaculos.

Em fazer com esse endiabrado *Ninho* a sua festa, bem avisado andou Leopoldo de Carvalho, que é perito em paladares e conhece como ninguém os frequentadores do seu theatre.

Depois do Theatro Livre que por algum tempo o **Príncipe Real** ostentou com uma coragem digna de melhor sorte, lá temos no mais popular theatre de Lisboa a companhia de José Ricardo, que parece ter dedo para escolher artistas, e, mais do que isso, para pôr peças.

E' prova de uma coisa e outra esse *Jockey á força*, que pelos ditos e pelas situações empolga o publico, e em que a *Lopiccolo* triumphava em toda a linha.

E, finalmente, para fecharmos esta resenha, que hoje tem de ser rapida, porque a isso o pouco espaço nos violenta, vamos dirigir ao **Coliseu dos Herrelos** as ultimas palavras, que n'esse caso, modesta á parte, não são positivamente o ultimo canto do cysno.

Já pouco nos falta para termos aqui á mão, nos palcos de Lisboa, toda a arte estrangeira, mercê dos empresarios eminentes.

No de D. Amélia tivemos ha dias a França, como agora temos a Hespanha. A's suas rivaes não podia deixar de fazer concorrência a arte italiana.

E ahí temos por isso no Coliseu nada menos de duas *troupes* italianas, de opera e de opereta, que dão a preços reduzidos a musica solemne dos grandes maestros e a musica gaiata dos grandes maestrinos.

Ha, como vêem, para todos os paladares e para todas as nacionalidades onde impera a arte.

Lisboa está sendo em ponto grande a famosa galeria Victor Manuel, de Milão, em que se não ouvem senão palavras soltas sobre arte, musicos, artistas e criticos.

Andamos, como lá, n'um corropio, da opera para a opereta, do drama para a zarzuela. E enquanto não tivermos esvaziada a bolsa não temos mãos a medir. Mas para tudo temos tempo e gosto, o que já não é de pequena valia nos prosaicos tempos que vão correndo.

Lisboa tem esta felicidade relativa: theatros com fartura, opera a dois tostões, bailarinas de entontecer, dramas, tragedias, comedias e farças, representadas em todas as linguas por artistas de todas as nações.

Se a civilização, ou melhor, a prosperidade de um pequeno povo se não avaliasse pelo seu *deficit* mas pelos seus theatros, nós não eramos só o maior, eramos tambem o mais civilizado da Europa.

Mas... antes pelo contrario.

Jayme Victor.